

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Bases relacionais da política na periferia urbana. Redes de sociabilidade, mediação e capital social.

Marcelo Kunrath Silva y Antonio João Ferreira de Lima.

Cita:

Marcelo Kunrath Silva y Antonio João Ferreira de Lima (2009). *Bases relacionais da política na periferia urbana. Redes de sociabilidade, mediação e capital social. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1646>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Bases relacionais da política na periferia urbana

Redes de sociabilidade,
mediação e capital social.

Marcelo Kunrath Silva ¹

Antonio João Ferreira de Lima ²

Introdução

No dia 13 de janeiro de 2007 chegamos àquela comunidade (...) na periferia da cidade. À primeira vista, enxergamos apenas alguns casebres e poucas pessoas circulando pelas ruas, todas bastante humildes. O clima relativamente tranqüilo surpreende o visitante, esperando ele, que estava, encontrar um típico campo de guerra, como costumam ser caracterizadas as periferias urbanas, cotidianamente. Ao longo da primeira caminhada pelo bairro, já era possível enxergar um número um pouco maior de pessoas conversando dentro das casas e pátios umas das outras. Em outra moradia, pessoas oravam em voz alta, coletivamente. De fato, havia anúncios de uma sociabilidade diferente daquela propagada pelos arautos da violência urbana. Entretanto, logo se percebia que os substratos mais tênues e poderosos daquelas relações não seriam de fácil apreensão. Ali, as aparências enganam. Por isso, era necessário estar ciente de que os enormes aprendizados possíveis nos exigiriam um longo período de

¹ Professor do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia – UFRGS – mksilva@ufrgs.br

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia – UFRGS – trabalhosantonio@yahoo.com.br

*investigação. E, como que para coroar tal janela aberta para novas descobertas, ao chegar à casa de minha interlocutora para a visita combinada, **mais uma surpresa: um grande grupo de pessoas** (maior do que eu poderia sequer imaginar em um contexto 'de absoluta fragmentação social' como eu esperava encontrar) **encontrava-se sentado, conversando distraidamente no interior de sua casa.** Ao receber-me com um largo sorriso na entrada do portão, Dona Mara anuncia o que estaria por vir: “- Bem-vindo meu filho. Venha conhecer minhas **amigas da vida e das lutas!**” (relato do Diário de Campo de Antonio João Ferreira de Lima).*

As periferias urbanas brasileiras foram, na primeira metade da década de 80, interpretadas como importantes espaços de construção de organizações e movimentos sociais de segmentos subalternos (naquele momento conceituados como movimentos sociais urbanos), os quais tiveram significativa presença e influência no processo de redemocratização do país (SADER, 1988; DOIMO, 1995). Ao longo dos anos 90, no entanto, observa-se o crescente predomínio de interpretações que tendem a focalizar a violência e a criminalidade como elementos básicos (e, por vezes, únicos) na estruturação destes espaços sociais, com significativos efeitos de estigmatização sobre seus moradores. Neste contexto, o objetivo deste artigo é, sem rejeitar a importância da criminalidade e da violência destacada pela recente literatura sobre a periferia urbana brasileira (ZALUAR, 1994a, 1994b, 1995; CALDEIRA, 2000), evitar o obscurecimento de outros processos sociais presentes nestes espaços. Mais especificamente, busca-se identificar e analisar os processos de organização coletiva informal dos moradores das vilas populares, os quais constituem as bases que fundamentam a emergência de mobilizações e protestos eventualmente observados entre esta população.

Para o desenvolvimento desta análise, foram pesquisados três grupos de moradores localizados em três diferentes vilas populares da cidade de Porto Alegre. Estas vilas populares receberam os nomes fictícios de Jardim Vitória, Morro Alto e Santa Maria. Utilizando diversas técnicas qualitativas de coleta de dados (observação participante, etnografia e entrevistas) e uma inserção de longo prazo junto aos grupos (entre dois e quatro anos), reuniu-se um conjunto de informações que permitiram identificar e analisar alguns mecanismos e processos que constituem estes atores coletivos e, eventualmente, possibilitam sua inserção em eventos de protesto.

De um lado, observa-se a centralidade da atuação de mediadores sociais que conectam os moradores envolvidos nos processos associativos e, também, estabelecem as ligações entre aqueles coletivos e atores e instituições externas. De outro lado, destaca-se a importância das redes de sociabilidade através das quais se estruturam as relações cotidianas dos sujeitos de pesquisa. Fundadas em laços familiares, de vizinhança, de amizade e/ou de pertencimento/identificação

religiosos, estas redes de sociabilidade constituem a base de relações na qual e sobre a qual operam os mediadores e a partir da qual se constroem os processos de mobilização e atuação política desenvolvidos pelos grupos pesquisados. Assim, as redes de sociabilidade previamente existentes constituem um capital social que é apropriado e mobilizado pelos mediadores sociais no sentido de superar os diversos obstáculos (individualização, carências, repressão, criminalidade, descrença etc.) que se colocam aos processos de organização e mobilização coletiva desta população.

Redes de sociabilidade e processos organizativos

O enfoque teórico deste artigo insere-se no campo de discussões sobre as denominadas “estruturas de mobilização”, ou seja, *los canales colectivos, tanto formales como informales, a través de los cuales la gente puede movilizarse e implicarse en la acción colectiva* (McADAM; McCARTHY; ZALD, 1999, p.24). Mais especificamente, abordam-se aqui os denominados “contextos de micromobilização” (McADAM; McCARTHY; ZALD, 1988; GERHARDS e RUCHT, 1992), constituídos pela relação entre redes de sociabilidade cotidiana e agentes mobilizadores, *en los que la gente se mueve cotidianamente y en el seno de los cuales los vínculos, tanto formales como informales, pueden funcionar como estructuras que facilitan la solidaridad y la comunicación cuando (y si) deciden realizar juntos algún tipo de acción de protesta* (McCARTHY, 1999, p.208-209).

De acordo com Passy e Giugni (2001), as redes de sociabilidade cumpririam duas funções centrais nos processos organizativos. Em primeiro lugar, elas conformariam os espaços de relações nos quais e pelos quais os indivíduos são socializados. Como salienta Diani (2000, p.7), *Individuals are (...) embedded in both primary and secondary networks which shape their attitudes, provide incentives and opportunities for political involvement, filter mobilizing messages from the political elites.*

Neste sentido, a trajetória de inserções relacionais dos indivíduos possui um papel central na definição de seus valores e visões de mundo, conformando o ponto de vista a partir do qual estes indivíduos interpretam e se posicionam perante a realidade vivida e os cursos de ação disponíveis. Segundo Passy (2003, p.23), *social networks (as islands of meanings) shape the individual preferences and perceptions that form the basis for the ultimate decision to participate. Thus, networks shape both stable aspects such as values and identities and more volatile aspects such as perceptions and preferences.*

Obviamente, esta socialização pode funcionar tanto como um mecanismo que amplia o potencial para participação quanto um mecanismo que o restringe. O sentido desta relação é definido, de um lado, pelo conteúdo dos valores e visões de mundo incorporados e elaborados pelos agentes nas suas trajetórias e relações e, de outro, pela congruência ou não destes valores e visões de mundo com os quadros interpretativos de agentes e organizações mobilizadoras.

Em segundo lugar, as redes de sociabilidade estabelecem as possibilidades estruturais de conexão, ao definirem os agentes com os quais os indivíduos podem estabelecer relações. Estas relações, por sua vez, podem viabilizar a constituição de canais de comunicação, redes de confiança, pressão interpessoal e contatos com organizadores, que são elementos fundamentais para a constituição de um estoque de capital social passível de ser mobilizado na construção de ações coletivas.

Esta conexão estrutural, em geral, é fortemente dependente da presença e atuação de agentes que operam como mediadores ou pontes, conectando indivíduos, redes, grupos e organizações. Tais mediadores, quando originários do espaço social local, tendem a se caracterizar pela posse de uma rede de relações mais ampla e diversificada que a dos outros indivíduos daquele espaço. Além disto, esta mediação pode também ser realizada por agentes externos que estabelecem vínculos com as redes de sociabilidade local. No entanto, em virtude do baixo grau de confiança interpessoal e institucional existentes nos contextos pesquisados, geralmente a posição de mediador é assumida por indivíduos dotados de laços fortes (GRANOVETTER, 1973), os quais possibilitam superar a desconfiança e mobilizar os membros de suas redes de sociabilidade.

Caracterizando os espaços sociais pesquisados

Como dito, a pesquisa empírica tomada como referência para a produção do presente artigo foi realizada junto a três diferentes grupos não-formalizados organizados em diferentes regiões da periferia da cidade de Porto Alegre.

O primeiro grupo pesquisado encontra-se regularmente no bairro Jardim Vitória, sendo composto por mais ou menos 50 vizinhos (como são grupos não formais, a quantidade de membros varia de tempos em tempos) sendo apenas cinco homens. Este coletivo de pessoas se organiza de forma bastante flexível para diversos fins: organizam conjuntamente desde sopões comunitários até eventos de protesto relativamente regulares, exigindo políticas públicas para a comunidade. Investigamos este grupo desde fevereiro de 2005.

Já o segundo grupo organiza-se no bairro Morro Alto, estando composto por 39 pessoas (37 delas mulheres) quando da conclusão de nosso trabalho de campo. A comunidade se localiza em um dos morros mais altos da cidade de Porto Alegre e os membros do grupo vivem em diferentes partes do morro. Por isso, este grande grupo é composto por pequenos “subgrupos” de vizinhos que têm maior convivência entre si, pois, em geral, os moradores vivem em terrenos pequenos, com as casas praticamente “amontoadas” umas nas outras. Estas pessoas costumam reunir-se para organizar festas para as crianças, chás para as mães, festas religiosas noturnas de matriz-africana e, também, para organizar ou participar de protestos por demandas coletivas (como

trabalho, postos de saúde e policiamento dentro da comunidade). Investigamos este grupo desde fevereiro de 2007.

Por fim, o grupo pesquisado no bairro Santa Maria estava composto por 36 pessoas quando concluímos nosso trabalho de campo. A maior parte de seus membros tem seu “tronco” principal na denominada Família Silva. Composto por 35 mulheres, quase todas moram no entorno de um campo de futebol de 150 metros quadrados, sendo uma casa quase de frente para a outra (algumas casas se localizam nos arredores do referido terreno). Embora a comunidade não tenha quase espaços para convívio comunitário (a não ser este terreno usado pelos homens para jogos nos finais de semana, além de um posto de saúde) e esta seja considerada uma das vilas mais violentas da cidade (com presença constante de conflitos motivados pelo tráfico de drogas e pela violência policial), as pesquisadas se reúnem quase diariamente para conversar e aliviar-se dos problemas cotidianos, ir à igreja, organizar festas (algumas religiosas, de matriz-africana) ou, ainda, para participar de protestos reivindicando condições para produzir e vender seus artesanatos. Investigamos este grupo desde abril de 2007.

Redes de sociabilidade e ação coletiva em contextos periféricos

*Eu nunca participei nem de movimento nenhum nem de sindicato, nada parecido. Nunca trabalhei com carteira assinada e **aquí na vila nunca teve essas coisas de movimento**. Mas agora eu tô envolvida com o povo aquí. **A Tia Ana nos chamou pra conversar sobre como começar a trabalhar juntas e também lutar juntas pelos nossos direitos. Então fomos chamando as amigas, as parentes, fomos fazendo umas reuniões, conversando sobre as coisas e de lá pra cá temos feito muita luta. Não temos movimento, nem partido, mas temos feito muita luta e várias delas com outros grupos. Antes nós não tinha coragem de fazer nada. Agora, já trancamos ruas, ocupamos prédio e até polícia nós enfrentamos. Agora, a gente até já gosta de lutar. Ainda mais que é com as amiga da gente, né?!** (trecho da entrevista com Daiane, 22 anos, moradora da vila Santa Maria, em Porto Alegre).*

O depoimento desta entrevistada exemplifica bem a conexão entre as redes de sociabilidade cotidiana e os processos de organização e mobilização coletiva nos três casos pesquisados. Em primeiro lugar, observa-se a presença de uma liderança local (Tia Ana) que atua como animadora e articuladora do processo associativo. O fato desta liderança ser identificada como “Tia” indica a existência de laços afetivos fortes entre os agentes envolvidos. O mesmo padrão de relações é observado também nos outros casos, nos quais foram identificados indivíduos que atuam como

agentes catalizadores e identificadores em torno dos quais se desenvolvem as ações coletivas. Tais mediadores locais são os responsáveis não apenas por grande parte dos vínculos entre os indivíduos mobilizados, mas também pelas relações com agentes e organizações externas ao bairro, articulando os grupos a processos de mobilização mais amplos.

Neste sentido, conforme destacado pela entrevistada, observamos o papel fundamental exercido por Tia Ana em mobilizar seus parentes e vizinhos para dar início ao grupo, no ano de 2007, e mantê-lo agregado ao longo do tempo. Para tanto, Tia Ana cumpria também o papel de mobilizar recursos (materiais e simbólicos) importantes para a manutenção do grupo enquanto tal. Assim, Tia Ana, com a mesma desenvoltura com que ia solicitar aos vereadores e agentes da Assistência Social Municipal apoios materiais ao grupo (instrumentos de trabalho, retalhos para confecção de bolsas etc.), organizava momentos de reflexão entre os membros do grupo, com o objetivo de criar entre eles uma identidade comum e evitar fragmentações.

Nesta mesma direção, observamos também o papel determinante de indivíduos que atuavam como conectores nos demais grupos pesquisados. No bairro Jardim Vitória, Dona Mara era quem costumava juntar em torno de si um grupo de duas ou três amigas que se empenhavam, junto com ela, na construção e manutenção de vínculos, seja entre os próprios membros do grupo seja com agentes externos. Nesse sentido, de um lado, este grupo de mediadoras diariamente conversava com vários membros do grupo (fosse pelas visitas que estes faziam à casa de Dona Mara, fosse pelo deslocamento de Dona Mara e suas amigas mais próximas até a casa destes membros); de outro lado, elas também elas participavam, semanalmente, de diferentes reuniões com outros grupos e instituições externas, como a Pastoral Operária e os diferentes fóruns do Orçamento Participativo.

Já no caso do grupo do Morro Alto, tal mediação realizada pelas duas lideranças mais antigas no grupo vai inclusive além, pois elas não apenas realizam este trabalho de aproximação entre os indivíduos e subgrupos componentes do grande coletivo e buscam apoios juntos a agentes externos, mas também têm representado seu grupo local nos meios de comunicação. Assim, por exemplo, após uma das manifestações em defesa do posto de saúde, Dona Maria (umas das principais lideranças do grupo) passou a dar entrevistas regulares a rádios em nome da comunidade. Após tal evento, também passou a utilizar um correio eletrônico particular (raridade em sua vila) como forma de trocar informações e estabelecer contatos com agentes externos à comunidade.

Em segundo lugar, o depoimento inicial desta seção e as informações acima ilustram como as redes de sociabilidade fornecem o conduto através dos quais os contatos são estabelecidos e as mensagens identificadoras e mobilizadoras circulam. O processo de recrutamento é feito através do contato com aqueles indivíduos com os quais já existem vínculos mais ou menos estreitos,

destacando-se a proximidade física entre as moradias dos membros dos grupos como um elemento determinante na produção de relações cotidianas de interação que conformam aquilo que Auyero (2001) conceitua como *redes cotidianas de solução de problemas*. Nesse sentido, como dito, observamos nos três casos empíricos investigados o fato dos grupos serem compostos fundamentalmente por vizinhos, familiares e amigos que integram as redes de relações afetivas dos indivíduos. Assim, também, tanto por suas relações pessoais cotidianas quanto pelas atividades de trabalho e assistência comunitária empreendidas em conjunto (como citadas anteriormente), pode-se constatar que a base relacional fundamental na constituição destes coletivos informais se encontra, justamente, nesta *rede cotidiana de solução de problemas*.

Se estas *redes cotidianas de solução de problemas* podem ser apropriadas e instrumentalizadas por atores clientelistas, como mostra a análise de Auyero (2001), elas também podem ser orientadas para práticas reivindicativas e, no limite, conflitivas, como mostram os três casos pesquisados. Nestes casos, é sobre estas redes que se assentam os eventos de protesto observados, é através delas que os indivíduos são socializados e mobilizados, é nelas que os participantes entram contato não apenas com as informações sobre os eventos, mas também dotam tais eventos de sentido e valor.

Outro aspecto importante observado nos três casos é que as redes de sociabilidade mobilizadas possuem como um de seus elementos estruturadores, além de laços familiares e de amizade, a religiosidade. Este aspecto é particularmente marcante no caso do grupo localizado no bairro Jardim Vitória, constituído fundamentalmente por membros de diferentes igrejas pentecostais que realizam inúmeras atividades cotidianas em conjunto (em especial, trabalhos coletivos de produção de artesanatos e alimentos, assim como ações assistenciais – os Sopões Comunitários e a pesagem de crianças para atendimentos de saúde). Já no caso dos grupos localizados no bairro Santa Maria e no bairro Morro Alto, a maior parte dos membros se identifica como praticante de religiões de matriz africana. Nestes casos, no entanto, o elemento da religiosidade comum não parece ter a mesma centralidade na sedimentação de tais redes de relações, ao menos explicitamente.

Ilustrando tal constatação, podemos nos remeter a três imagens (entre as tantas observadas ao longo destes anos de pesquisa). Entre o grupo organizado no bairro Jardim Vitória, repetidas vezes presenciamos o início e o fim de suas atividades serem marcados por orações de tipo pentecostal. Assim, ainda que o tema de suas reuniões fosse, por exemplo, a importância da luta contra a prefeitura local para obter um determinado bem ou serviço, os argumentos e a motivação fundamentais para tal empreitada calcavam-se, fundamentalmente, em sua “tarefa cristã de lutar pela justiça” e na “força divina” que sustentaria os “apóstolos da libertação” (aqueles que lutam) até

a vitória inescapável (entre aspas as palavras dos participantes da reunião do grupo). No caso do Morro Alto, a religiosidade preponderante (e que demonstrava bastante importância na difusão da confiança e intimidade entre vários membros) era a de matriz africana (sendo que algumas das principais referências internas do grupo eram “mães de santo”). Já entre os membros do grupo do Santa Maria, embora a maior parte deles se auto-identificasse como praticante de religiões de matriz africana (e, ainda assim, participassem de cultos pentecostais e católicos como forma de receber doações de roupas e alimentos), o elemento religioso não se manifestava explicitamente como elo de ligação entre os participantes.

Considerações finais

Apesar das limitações na possibilidade de desenvolvimento dos argumentos teóricos e de sua demonstração empírica, este trabalho buscou mostrar a importância da análise das redes de sociabilidade cotidiana para o estudo dos processos de organização e mobilização coletiva. Especialmente para os trabalhadores pobres das periferias urbanas brasileiras, estas redes conformam um capital social fundamental para a superação de obstáculos poderosos àqueles processos. Através das estruturas de mobilização constituídas por estas redes produz-se a socialização e os vínculos que abrem alternativas coletivas de ação que contrapõem-se ao fatalismo, o isolamento ou o envolvimento criminoso que tendem a hegemonizar os discursos sobre estes segmentos sociais e, assim, reforçar os velhos e novos “mitos da marginalidade” (PERLMAN, 1981).

Referências Bibliográficas

- AUYERO, Javier. *Poor people's politics: peronist survival networks and the legacy of Evita*. Durham & London: Duke University Press, 2001.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Ed. 34/EDUSP, 2000.
- DIANI, Mario. Simmel to Rokkan and beyond: towards a network theory of (new) social movements. *European Journal of Social Theory*, vol.3, 2000.
- DOIMO, Ana Maria. *A Vez e a Voz do Popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ANPOCS, 1995.
- GERHARDS, Jurgen; RUCHT, Dieter. Mesomobilization: organizing and framing in two protest campaigns in West Germany. *The American Journal of Sociology*, vol.98, n.3, p.555-595, nov./1992.
- GRANOVETTER, Mark S.. The Strength of Weak Ties. *American Journal of Sociology*, Volume 78, Number 6, p. 1360-1380, 1973.
- McADAM, Dough; McCARTHY, John D.; ZALD, Mayer N.. Social Movements. In: SMELSER Neil (ed.). *Handbook of Sociology*. Newbury Park: Sage, 1988.
- McADAM, Dough; McCARTHY, John D.; ZALD, Mayer N. (eds.). *Movimientos sociales: perspectivas comparadas*. Madrid: Istmo, 1999.
- McCARTHY, John D.. Adoptar, adaptar e inventar limites y oportunidades. In: McADAM, Dough; McCARTHY, John D.; ZALD, Mayer N. (eds.). *Movimientos sociales: perspectivas comparadas*. Madrid: Istmo, 1999. PERLMAN, Janice E.. *O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- PASSY, Florence. Social networks matter. But how? In: DIANI, Mario; McADAM, Doug (eds.). *Social movements and networks: relational approaches to collective action*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- PASSY, Florence; GIUGNI, Marco. Social networks and individual perceptions: explaining differential participation in social movements. *Sociological Forum*, vol. 16, n. 1, p.123-153, 2001.
- PERLMAN, Janice E.. *O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ZALUAR, Alba. *Condomínio do Diabo*. Rio de Janeiro: Revan/Editora da UFRJ, 1994a.
- ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994b.
- ZALUAR, Alba. Crime, medo e política. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. X, nº 2, p.391-416, julho-dezembro/1995.